https://journals.scientia.international/SIJHuman
Scientia International Journal for Human Sciences
Vol. 1, 1 (2026)
Tipo: Artigo de pesquisa | DOI: 10.56365/ed912759

Esta cidade tropical é um corpo gótico: o espaço urbano como corpo gótico na literatura de Anne Rice

Yasmim Pereira Yonekura

Universidade Federal do Pará, Cametá, Brasil
https://orcid.org/ 0000-0002-4522-3211
yonekuray@ufpa.br

Resumo

O recente falecimento da autora americana de literatura fantástica e de terror, Anne Rice, nos levou a revisitar seu legado, repensando sua contribuição para a cultura contemporânea. Sua obra foi marcada por entidades sobrenaturais, como vampiros, bruxas e demônios, que transitam por espaços urbanos e rurais dos Estados Unidos da América. Essas criaturas vão além do maniqueísmo do bem e do mal; são entidades complexas, assim como os seres humanos. Elas vivem de forma bela, violenta, apaixonada e intensa, um espelho da humanidade em sua complexidade atormentada. Tão intensos e bem construídos quanto esses seres são os espaços nos quais habitam e circulam. Do French Quarter aos pântanos da Louisiana, os locais geográficos escolhidos pela autora são pulsantes e vibrantes; fazem parte da construção da história e das dinâmicas internas e externas dos personagens. Dessa forma, esses espaços são mais do que apenas um cenário; tornam-se parte central da narrativa, um corpo gótico em si mesmo. Assim, este texto abordará o espaço urbano como um corpo gótico nos livros *The Witching Hour* (1995) e *Merrick* (2000).

Palavras-chave: Anne Rice; Terror; Vampiros; Bruxas; Cidade.

Detalhes do artigo | Revisão por pares aberta

Editado por:
Michel Goulart da Silva

Revisado por:
Carmen Rodríguez Campo
Michel Goulart da Silva

Referência:
Yonekura, Y. P. (2026). Esta cidade tropical é um corpo gótico: o espaço urbano como corpo gótico na literatura de Anne Rice. *Scientia International Journal for Human Sciences*, 1(1). https://doi.org/10.56365/ed912759

Histórico do artigo
Recebido em: 05/03/2026
Revisado em: 17/04/2026
Aceito: 17/04/2026
Disponível: 20/04/2026

Check for updates

ISSNe 3101-6650 © 2026 Os autores. Publicado pela Scientia.International S.L. (Espanha).
Esta é uma publicação de acesso aberto sob a licença CC BY 4.0 (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0).

Anne Rice e seu legado

Este estudo explora o caráter híbrido do espaço urbano na literatura gótica por meio da obra de Anne Rice. Ele se concentra nas obras *The Witching Hour* (1995) e *Merrick* (2000). Os objetivos são mostrar como a Geografia e a Literatura podem ser combinadas por meio da ficção de Rice. A contribuição desta pesquisa reside em situar entidades sobrenaturais em obras literárias góticas dentro do tecido sócio-histórico e cultural de Nova Orleans, Louisiana, reconfigurando a cidade como um corpo gótico e um sujeito ativo na literatura, expandindo assim as possibilidades de debate sobre espaços em pesquisas literárias, geográficas e transdisciplinares.

O ano de 2021 foi marcado pelo falecimento de uma das mais memoráveis e prolíficas autoras contemporâneas de terror e fantasia, a americana Anne Rice. Falecida aos oitenta anos, a escritora faz parte de uma tradição da literatura ficcional gótica, entendida como um gênero literário que teve início há aproximadamente duzentos e cinquenta anos na Europa, partindo de um senso estético e político de questionamento e tensão em relação à ordem social vigente, utilizando o sobrenatural e o terror como uma ferramenta que atravessa os diversos elementos literários (cenários, diálogos, relações interpessoais, estilo narrativo, etc.) para explorar e analisar diversos elementos socioculturais (Rata, 2014). Considerando-a uma das vozes femininas contemporâneas mais influentes dentro desse gênero, na tradição dos estudos sobre a obra da autora, já foi apontado que a literatura por ela produzida possui a característica peculiar de atrair desde a intelectualidade acadêmica até o leitor comum, que não tem qualquer familiaridade com a produção cultural do gótico, do terror e do sobrenatural (Browne, Hoppestand, 1996). Essa atração é gerada pela peculiaridade da escrita de Rice: navegando entre as convenções do cânone gótico, um estilo de escrita envolvente e personagens bem construídos, a autora nos deixou um vasto legado cultural no qual bruxas, vampiros e outras entidades sobrenaturais são portais e pontes para que os leitores enfrentem e analisem sua própria humanidade.

Browne e Hoppestand (1996, p. 4) definem o poder da literatura gótica produzida por Rice precisamente como esse fator: “Os contos góticos repletos de vampiros, bruxas e múmias são espelhos que refletem a prosaica vida cotidiana de nossa humanidade”. Os autores ilustram que a busca do vampiro Louis, em *Entrevista com o Vampiro,* pelo sentido de sua existência macabra como entidade sobrenatural está diretamente relacionada à busca individual de cada um de nós pelo sentido de nossas vidas; a busca de Rowan Mayfair, em *A Hora das Bruxas,* por sua própria identidade em meio ao legado de bruxaria secular que ela herdou está relacionada à busca por conexão com nossas famílias e nossa ancestralidade; e a sede insaciável do imortal Ramses por desejo e paixão está presente em nossos relacionamentos, nos quais

queremos nos sentir necessários para aqueles que nos rodeiam (idem, 1996). Assim, vemos que a autora construiu uma obra baseada no uso do terror e da fantasia como forma de explorar, compreender e analisar as diferentes esferas da humanidade, em suas dimensões sociohistóricas e psico emocionais. Em seu panteão de histórias, Rice nos deixou vários livros, publicados em diversos idiomas desde 1976, quando seu primeiro grande sucesso (Entrevista com o Vampiro) foi lançado. No entanto, duas sagas se destacam: As Crônicas dos Vampiros e A Hora das Bruxas.

A primeira saga se concentra nos imortais bebedores de sangue já famosos na literatura gótica. No entanto, os vampiros de Anne Rice têm muito mais a ver com Lord Byron do que com Bram Stoker: são sedutores, apaixonados, lascivos e ricos, passando por séculos de conflitos e dramas interpessoais enquanto observam e se misturam à humanidade. Destaca-se o vampiro Lestat, um francês, um nobre decadente da era do Iluminismo. Lestat se torna o vampiro mais polêmico e intenso de Anne Rice: desde despertar a antiga rainha vampira Akasha até beber o sangue de Jesus Cristo, ele não conhece limites e segue desenfreadamente seus instintos e paixões. *A Hora das Bruxas* conta a história da família Mayfair, desde a Europa medieval até o Haiti revolucionário e a Louisiana moderna. Rice narra a história de mulheres que, ao longo de séculos, utilizaram a magia recebida da entidade celta Lasher para transitar entre diferentes espaços, resistir à perseguição e moldar e interferir na realidade ao seu redor, enquanto sua família constrói laços de afeto e conflito, lidando com questões de herança material e mágica que as permeiam.

Permeando essa literatura fantástica e gótica de Anne Rice, destaca-se um lugar específico: Nova Orleans. Uma presença onipresente em suas obras quase tanto quanto vampiros, múmias e outros monstros, a peculiaridade da Nova Orleans de Anne Rice e a própria relação da autora com a cidade precisam ser exploradas antes de discutirmos o escopo teórico desta pesquisa e a análise dos trechos das obras selecionadas.

O espaço das memórias de infância: Anne Rice e Nova Orleans

Holditch (1997) nos conta que a cidade de Nova Orleans exerceu um impacto profundo sobre Anne Rice. A própria escritora falou extensivamente sobre sua relação com a cidade, sempre relatando o quanto o lugar tinha um grande significado emocional, fazendo-a sentir-se “mais viva e menos isolada” (idem, 1997) quando escrevia sobre ela. Ela sempre atestou que era um desafio “capturar a cidade (...) para fazer justiça ao feitiço exercido sobre aqueles que a habitam” (idem, 1997, p. 38-39). Embora não fosse fácil para ela, Nova Orleans proporcionou a Rice não apenas um cenário, mas também história, mitologia, lendas,

costumes, espaços e o ambiente peculiar de uma das cidades mais antigas e com identidade única nos Estados Unidos (idem, 1997). Holditch (1997, p. 30) também destaca algumas das qualidades que tornaram Nova Orleans tão atraente para a literatura da escritora: a população diversificada e multicultural (com ênfase nos bairros de imigrantes: os irlandeses, alemães, franceses, espanhóis e a população chamada de "crioulos de cor" — traduzido livremente como "crioulos de cor" —, um termo local para os descendentes de africanos originários das comunidades de escravos trazidas para a Louisiana), bem como os mitos e lendas relacionados a certas figuras da cidade, lugares e costumes regionais. A pesquisadora destaca algumas figuras de Nova Orleans: a sacerdotisa de vodu Marie Laveau, um padre espanhol chamado Père Antoine, as prostitutas de Storyville, entre tantos músicos, escritores, artistas, políticos e criminosos que marcaram profundamente a história da cidade, cujas vidas foram tão interessantes e intensas quanto as dos seres sobrenaturais criados pela autora. Destaca-se o fascínio de Anne Rice pelo Garden District e pelo French Quarter (Le Quartier Français), a parte mais central e seleta da cidade (idem, 1997). Ambos os locais foram amplamente utilizados por Rice em suas histórias como moradas para suas entidades fantásticas.

É evidente que Nova Orleans possui elementos únicos que a autora soube apropriar para suas narrativas. Em meio a tantas peculiaridades na formação sócio-histórica de Nova Orleans, a cidade combina uma forte identidade regional com um rico terreno de histórias reais e mitos locais que fazem com que os vampiros, bruxas e outras criaturas criadas por Rice não pareçam deslocados nesse contexto, mas, na verdade, pareçam elementos naturais desse cenário culturalmente diverso e único.

Amador (2013) nos oferece mais elementos para refletir sobre a conexão entre Anne Rice e Nova Orleans. O pesquisador afirma que a autora contribuiu profundamente para a "goticização" da região, reforçando que Rice utilizou elementos comuns da formação natural e histórica da região da Louisiana (o estilo arquitetônico próximo ao barroco europeu, grandes plantações e mansões para os proprietários de escravos, os aristocratas decadentes, o clima quente e úmido), estilizando-os de forma a aproximá-los dos elementos do gótico americano e europeu. Amador (2013) afirma que essa abordagem adotada por Rice faz com que sua literatura faça parte do subgênero classificado como gótico sulista, aquele em que histórias típicas da literatura gótica são adaptadas ao contexto do sul dos Estados Unidos. Com base nas informações e nos elementos apresentados por Holditch (1997) e Amador (2013), podemos observar que a Nova Orleans de Anne Rice deixa de ser apenas uma antiga cidade tropical e se torna um cenário gótico, um lugar onde as características naturais, sociais e culturais do sul dos Estados Unidos se combinam com elementos sobrenaturais do gótico — especialmente seres sobrenaturais —, juntamente com elementos trágicos e

dantescos e situações associadas ao horror. No entanto, mais do que apenas um lugar, é necessário compreender como Nova Orleans também se torna um corpo gótico nas histórias de Anne Rice, assim como seus vampiros e bruxas, uma entidade sobrenatural com características próprias.

Portanto, para dar continuidade a esta pesquisa, será apresentado o marco teórico para compreender melhor essa abordagem durante a análise das obras escolhidas: *The Witching Hour · vol. 1* (primeiro volume da história das Bruxas de Mayfair) e *Merrick* (sétimo volume das Crônicas dos Vampiros).

A Cidade, um Corpo Gótico: Revisão da Literatura

No que diz respeito ao marco teórico desta pesquisa, buscamos abordar a perspectiva da cidade como um corpo gótico na obra de Rice. Partindo da ideia mais básica para o desenvolvimento desta pesquisa, Reyes (2014) define o corpo como elemento central do gótico. O corpo torna-se um lugar de vulnerabilidade, onde o leitor/espectador toma consciência de sua própria fragilidade e embarca em uma experiência coletiva de horror (idem, 2014). O corpo está associado a sensações, medos, experiências e a uma natureza visceral que o torna central para a construção do gótico como gênero ficcional literário e multimodal (idem, 2014). Badley (1996) acrescenta a perspectiva do corpo como um lugar de loucura, carnalidade, dotado de sua própria mentalidade assustadora, utilizando também a metáfora de comparar o corpo a uma "casa mal-assombrada, cujos gemidos provocam luxúria, miséria e dor excruciante no pobre proprietário. Uma construção condenada" (Badley, 1996, p. 7). A metáfora de Badley do corpo como uma construção nos ajuda a refletir sobre a transmutação e a expansão do conceito de corpo. Enquanto os autores anteriormente citados pensam no corpo humano em sua expressão literal, busco aqui compreender a cidade — um espaço territorial urbano ou híbrido — como um corpo. Minha proposta, nesse sentido interpretativo, decorre, em primeiro lugar, do fato de que a cidade não tem sentido sem a coletividade dos corpos individuais que a compõem, que por ela transitam e a modificam, geração após geração. Em segundo lugar, temos o uso que a autora faz da cidade. Assim como o corpo na metáfora de Badley (1996), Nova Orleans torna-se um espaço de luxúria, miséria e dor, misturado com o sobrenatural e a tradição sociohistórica. Outro fator importante, para sustentar a ideia da cidade como um corpo, é a sinestesia que Anne Rice traz para Nova Orleans; ela traduz "o feitiço" desse lugar por meio de sons, cores e sentimentos que são provocados nos personagens pelos edifícios da cidade, por espaços que se tornam atormentadores e intensos, palco de tragédias e infortúnios, bem como caminhos para a salvação e a redenção dos personagens da autora. Assim, a cidade deixa de ser um cenário e se torna um corpo dentro da narrativa.

Algumas proposições de um subgênero da ficção gótica chamado “Gótico Urbano” nos ajudam a aprofundar essa ideia, na qual pesquisadores têm tentado identificar e discutir como os cenários urbanos são fundamentais para as narrativas góticas, especialmente as contemporâneas.

Ancuta (2020) aborda o gótico urbano por meio de uma análise das cidades do Leste Asiático. A pesquisadora argumenta que as cidades, na contemporaneidade, tornaram-se sinônimo de normalidade e que esses espaços abrigam tanto os vivos quanto os fantasmas. Segundo ela, a cidade e o sobrenatural estão relacionados para nos mostrar que o estranho muitas vezes se entrelaça com o familiar. Há também uma ênfase em como diferentes momentos geopolíticos e econômicos influenciam o cenário da cidade e as entidades sobrenaturais que a habitam.

Wisker (2020) também contribui para a perspectiva da cidade como um espaço central para o gótico e como um locus com dinâmica própria:

> A cidade, seus edifícios, constantemente renovados e reformados, grandiosos e em ruínas, guardam histórias que são reconectadas/reconstruídas publicamente em museus e, de forma menos pública, em documentos privados e nos corpos daqueles que foram silenciados e enterrados em seu passado. Alguns dos segredos mais sombrios são os dos trabalhadores em regime de servidão, das pessoas marginalizadas, das mulheres oprimidas e marginalizadas e dos grupos culturais mais pobres e silenciados, (...) (Wisker, 2020, p. 206)

A visão da autora sobre o espaço urbano nos ajuda a refletir sobre a Nova Orleans de Anne Rice; um lugar atravessado por corpos humanos e sobrenaturais, onde a tensão entre o colonizador e o colonizado existe e é encenada de diferentes maneiras. Onde vampiros homossexuais e bruxas que fugiram da Europa interagem com grupos marginalizados, muitas vezes habitando o centro da cidade, mas transformando-o e deformando-o, assim como um corpo, moldado à vontade de quem o habita.

A visão de Ancuta (2020) e Wisker (2020) contribui para a reflexão sobre as dimensões do espaço urbano, que eu relaciono à ideia de corpo. Nova Orleans torna-se palco de aventuras sobrenaturais e agente de transformações nas criaturas sobrenaturais de Anne Rice. Torna-se um corpo dotado de características próprias, de sentido, de uma quase-consciência que afeta seus habitantes, sendo suas ruas e espaços membros que possibilitam a vivência de experiências e emoções. A cidade torna-se um corpo-território, protagonista central das histórias da autora.

A Cidade como Corpo Gótico em Anne Rice: Análise

Com base na contextualização anterior e no marco teórico apresentado, investigaremos as duas obras escolhidas. A primeira delas é o volume inicial de *The Witching Hour*, vol. 1 (1995), a primeira parte que conta a história da família Mayfair, profundamente envolvida com bruxaria e o ocultismo.

A trama se desenvolve a partir de Deirdre, uma misteriosa mulher catatônica que vive em silêncio na grandiosa mansão dos Mayfair, no bairro de Garden District. Sua condição mental está relacionada a um legado familiar sombrio, no qual sua mãe e sua avó também pereceram, devido à conexão com o demônio Lasher — uma antiga entidade celta. A situação de convalescença de Deirdre cruza o caminho de várias pessoas na cidade, que gradualmente revelam ao leitor o complexo mosaico da vida da mulher e de sua família. Também envolvido pela mística dos Mayfairs está o empreiteiro Michael Curry, natural de Nova Orleans, mas que mora em São Francisco.

Apesar de ter sido salvo do afogamento por um médico misterioso, Curry tem uma breve experiência de vida após a morte, na qual criaturas de outro plano lhe confiam uma missão ligada a uma casa antiga em sua cidade natal. A casa pertence à família Mayfair e Curry, sem suspeitar de nada, acaba se conectando com a médica que o salvou, que é Rowan Mayfair, filha da convalescente Deirdre, também nascida em Nova Orleans, mas sem nenhuma lembrança da cidade ou de sua família, tendo sido levada de lá ainda muito jovem, em uma tentativa de sua mãe de poupá-la da ira de Lasher. A partir do entrelaçamento de suas vidas durante o acidente, Rowan e Michael são levados de volta a Nova Orleans para cumprir suas missões e desvendar o legado das bruxas Mayfair.

Como já explicado neste breve resumo da obra, Nova Orleans ocupa um lugar central na narrativa e na vida dos personagens, embora grande parte da ação do livro também se passe em São Francisco. No entanto, é sem dúvida a cidade sulista que se destaca como protagonista da narrativa, mesmo quando os personagens não estão fisicamente lá. Desde as primeiras páginas, vemos como a cidade influencia o desenrolar da narrativa e como seu espaço físico assume uma dimensão quase corpórea, entrelaçando-se com as memórias e os sentimentos dos diferentes personagens:

> O médico acordou em pânico. Tinha sonhado novamente com a velha casa em Nova Orleans. Tinha visto a mulher na cadeira de balanço. Tinha visto o homem de olhos castanhos. (...) Pensou novamente no inglês no bar do saguão. Foi ele quem despertou as lembranças — o fato de o inglês ter dito ao barman que acabara de chegar de Nova Orleans e que aquela era, sem dúvida, uma cidade assombrada. (...) Havia uma tranquilidade na convenção, e ele gostou daquele homem, sentiu uma

> confiança imediata nele. Além disso, o saguão do Parker Meridien era um lugar alegre e agradável, cheio de luz, movimento e pessoas. Tão distante daquele canto sombrio de Nova Orleans, aquela velha cidade triste apodrecendo com seus segredos em seu calor caribenho perpétuo. (Rice, 1995, p. 7-8)

Nesse trecho, podemos perceber a onipresença e a proeminência que Nova Orleans tem na narrativa. Com base nas memórias de um dos médicos que tratou Deirdre Mayfair, Rice constrói um cenário específico sobre o local. Ele é definido como "(...) uma cidade assombrada" (Rice, 1995, p. 7-8) e, em contraste com a agitação metropolitana efusiva, possui uma natureza mórbida e misteriosa, misturada ao clima tropical ao estilo caribenho. A palavra "apodrecimento" também se destaca, definindo o estado decrépito da cidade — da perspectiva dessa personagem específica — e podendo ser associada a entidades orgânicas, reforçando a ideia da cidade como um corpo, neste caso específico, em decomposição.

No que diz respeito a outro personagem, Michael Curry, Nova Orleans traz outros significados. Para o empreiteiro de ascendência irlandesa, a cidade evoca sentimentos e memórias, profundamente entrelaçados com o passado familiar e a formação social e plural da Louisiana:

> De vez em quando, especialmente após a morte de sua mãe, ele pensava em seu passado em Nova Orleans, que lhe parecia cada vez mais estranho e fantástico. As pessoas na Califórnia achavam que eram livres, mas como eram submissas, refletia ele. (...) De volta à sua cidade natal, ele talvez tivesse deixado para trás uma cidade de pessoas intolerantes, mas era também uma cidade de personagens notáveis. (...) As lembranças lhe vinham em flashes dos mais estranhos. Ele se lembrava do cheiro dos guardanapos de linho enquanto sua avó os passava a ferro antes de guardá-los nas gavetas fundas do aparador de nogueira. Lembrava-se do sabor da sopa de caranguejo e do quiabo, acompanhados de biscoitos e cerveja; do barulho assustador dos tambores nos desfiles de carnaval. Ele via o homem do gelo subindo rapidamente pela escada dos fundos, com um bloco gigantesco de gelo apoiado em um travesseiro sobre o ombro. E ouvia insistentemente aquelas vozes maravilhosas, que na época lhe pareciam tão grosseiras, mas que agora pareciam possuir uma riqueza de vocabulário, um talento para a expressão dramática, uma paixão pelo próprio ato de falar. Histórias de incêndios famosos, dos famosos motins causados por greves de bondes e dos carregadores de algodão que tinham de prender os fardos nos porões dos navios com enormes parafusos de ferro, cantando enquanto trabalhavam, nos dias anteriores às prensas de enfardamento de algodão. Em retrospecto, parecia um mundo fabuloso. (Rice, 1995, p. 58)

Nesses parágrafos, observa-se que, assim como um corpo vivo composto de membros e órgãos, sentimentos e personalidades, também existem diferentes elementos que compõem Nova Orleans. Essas

partes são as pessoas, a memória, a história, que fazem da cidade uma entidade viva e pulsante, sempre presente nas lembranças de Michael, que associa o espaço urbano e os bairros da capital do sul à sua família (no contexto de um passado individual) e aos acontecimentos da vida coletiva (em termos de um passado público). A sinestesia de cheiros e sons também pode ser associada a um corpo vivo que emite cheiros e sons, ruídos típicos da vida inerente a essa entidade. Além disso, destaca-se que, mesmo sem mencionar qualquer evento ou criatura sobrenatural, a cidade é associada ao fantástico e ao bizarro. Michael atribui uma personalidade única a Nova Orleans, o que fica especialmente evidente quando ele a compara a São Francisco e à Califórnia. Essa atribuição de personalidade corrobora a ideia de que a cidade, na literatura de Rice, é muito mais do que um cenário, sendo uma entidade fundamental para a narrativa. Continuando com as memórias de Michael, vemos que a descrição de cenas e espaços da cidade também é central para sua memória afetiva:

> Ele costumava se lembrar da cor do crepúsculo quando voltava para casa tarde, depois do treino de futebol americano, pela Rua da Anunciação. Como eram bonitas as lanternas laranja e rosa que se destacavam por entre as pequenas cercas de ferro. Ah, poderia haver um céu tão incandescente quanto aquele que passava do rosa ao violeta e ao dourado acima dos telhados das casas da classe trabalhadora? Não poderia haver lugar tão fantástico. E o Garden District, ah, o Garden District. Suas lembranças daquele lugar eram tão etéreas que chegavam a ser suspeitas. Às vezes, ele sonhava com ele: um paraíso acolhedor e luminoso onde se via caminhando entre palácios esplêndidos, cercados por flores perenes e folhas de um verde brilhante. Ele acordava e pensava: “Ah, lá estava eu, descendo a First Street”. Eu estava de volta. Mas não poderia ser assim, e ele queria ver tudo aquilo novamente. Certas casas voltavam à sua memória: a enorme mansão na esquina da Coliseum com a Third, pintada de branco puro até as grades de ferro forjado. E as casas de duas alas com corredores laterais que ele amava acima de todas as outras, com suas quatro colunas frontais, suas longas laterais e suas altas chaminés gêmeas. Ele até se lembrava de pessoas que costumava avistar em suas caminhadas habituais, (...) E aquele homem, aquele homem estranho com roupas imaculadas, a quem ele tinha visto tantas vezes na Primeira Rua, nas profundezas daquele jardim malcuidado. Ele queria voltar e comparar sua memória com a realidade. Ele queria ver a casinha na Rua da Anunciação onde havia crescido. Queria visitar a Igreja de Santo Afonso, onde fora coroinha aos dez anos. E a Igreja de Santa Maria, do outro lado da rua, com seus arcos góticos e santos de madeira, onde também ajudara na missa. (Rice, 1995, p. 58-59)

As descrições detalhadas dos espaços, cores, momentos e pessoas que marcaram Curry são construídas de forma a entrelaçar a realidade da cidade com o fantástico, a ponto de o narrador usar palavras como “etéreo” e “paraíso” para definir a maneira como Nova Orleans se configura na mente do

personagem. Os detalhes e as cores que permeiam a descrição e se destacam nos pensamentos de Michael, ao reconstruir o passado, também nos fazem pensar nas características físicas dos personagens, que às vezes são destacadas em algumas narrativas. No entanto, em vez de destacar a cor dos olhos, temos a ênfase na cor do crepúsculo. As cores que predominam na cidade também nos remetem à descrição dos tons de pele dos corpos. A descrição da estrutura e da arquitetura que constituem a cidade também pode ser associada a elementos físicos, como a descrição de membros e partes específicas dos corpos, conforme explicado anteriormente na metáfora sobre o corpo como uma construção (Badley, 1996).

Essas associações são apresentadas aqui para que possamos observar a construção da corporealização da cidade. Frequentemente, em narrativas ficcionais, mesmo na literatura gótica, o espaço físico desempenha um papel coadjuvante e complementar. No entanto, Rice subverte essa lógica. E com o mesmo cuidado com que Edgar Allan Poe descreve o corpo cadavérico e assustador da senhora em A Queda da Casa de Usher ou a frágil protagonista de Berenice (Reyes, 2014), Anne Rice descreve Nova Orleans, transcendendo assim a ideia de um mero cenário para um corpo-território em sua narrativa. No caso do primeiro volume de *A Hora das Bruxas*, Nova Orleans é um corpo distante e presente para Michael Curry, um corpo misterioso para Rowan Mayfair (que foi levada de lá ainda jovem) e um corpo-lar para os Mayfairs, que fugiram da perseguição às bruxas para a cidade do sul da Louisiana.

Dando continuidade à análise, passaremos à segunda obra, *Merrick* (2000). Trata-se do sétimo volume da saga *Vampire Chronicles*. Este volume é narrado do ponto de vista de David Talbot, um vampiro recentemente transformado por Lestat, que busca a ajuda de um bruxo da família Mayfair, Merrick. Assim como Rowan, Merrick faz parte do poderoso clã de bruxos, mas é de um ramo menos abastado da família e mais próximo da herança afro-americana da família. Talbot procura Merrick com a intenção de entrar em contato com Claudia, uma criança vampira que morreu há séculos. As diferenças de Merrick em relação a Rowan e Michael — personagens brancos e ricos que frequentam uma área central de Nova Orleans — nos permitem ver outras facetas desse corpo-território do Sul dos Estados Unidos:

> Embora Aaron tivesse me preparado para a parte antiga de Nova Orleans para onde estávamos indo, ainda assim fiquei surpreso com o bairro de casas em ruínas de todos os tamanhos e estilos, aninhadas entre oleandros mal aparados que floresciam exuberantemente no calor úmido, e ainda mais surpreso com a velha cabana sobre palafitas que pertencia à Grande Nananne... E por toda parte as ervas daninhas cresciam altas nas sarjetas, que na verdade não passavam de valas abertas; e os matagais de carvalho, feijão-frade e álamo se erguiam ao nosso redor enquanto seguíamos em direção à residência que Merrick agora deve deixar para trás. Chegamos, por fim, a uma alta cerca de estacas de ferro e a uma casa muito maior

> do que as outras ao redor, e de época muito mais antiga. Era uma daquelas casas da Louisiana erguidas sobre colunas assentes em fundações de tijolos, com cerca de cinco pés de altura, com uma escadaria central de madeira que levava à varanda da frente. (Rice, 2000, p. 127)

A descrição que Talbot faz da região onde Merrick mora com sua avó — Great Nananne, uma sacerdotisa da religião africana — difere bastante da região central anteriormente destacada nas memórias de Michael. Assim, há uma falta de homogeneidade nos cenários da Nova Orleans de Rice. A pobreza dessa região se destaca nas palavras de Talbot. No entanto, mesmo com essas características divergentes, a magia e o sobrenatural transcendem as diferenças estruturais e de classe nesse corpo-território construído pela autora:

> Era um prédio de tijolos que se erguia do chão até um altar alto e largo, no qual oferendas especiais poderiam ter sido colocadas. Sua parte superior estava repleta de grandes imagens de gesso dispostas em fileiras à esquerda e à direita. Vi imediatamente São Pedro, o Papa Legba do vodu haitiano e uma santa a cavalo que parecia ser Santa Bárbara, representando o Sobô de Xangô no candomblé, para o qual sempre havíamos usado São Jorge. A Virgem Maria estava ali na forma de Nossa Senhora do Monte Carmelo, representando Ezilie, uma deusa do vodu, com montes de flores a seus pés e talvez o maior número de velas à sua frente, todas tremeluzindo em seus copos altos com a brisa que atravessava a sala. Lá estava São Martinho de Porres, o santo negro da América do Sul, com uma vassoura na mão, e ao lado dele estava São Patrício, olhando para baixo, com os pés cercados por serpentes em fuga. Todos eles tinham seu lugar nas religiões clandestinas que os escravos nas Américas há muito acalentavam.Quanto mais eu observava toda essa exposição, mais via coisas como a figura e e assombrosa da Madona Negra com o Menino Jesus branco em seu colo. Havia muitos saquinhos bem amarrados e guardados ali, bem como charutos de aparência cara ainda em seus invólucros, talvez para alguma oferenda futura, não saberia dizer. Em uma das extremidades do altar, havia algumas garrafas de rum. (Rice, 2000, p. 131)

A presença da religiosidade africana é destacada por Talbot. Nesse momento, destacam-se a miscigenação e a diversidade da formação sócio-histórica de Nova Orleans, profundamente marcada pela influência africana. Nesse sentido, esse território é percebido como um corpo múltiplo, diverso e heterogêneo. No mesmo espaço em que Michael Curry exaltou a memória da arquitetura gótica, a influência da religiosidade africana perdura, misturando-se a entidades sobrenaturais, como nesta cena em que Talbot — um vampiro recém-transformado e estudante do ocultismo — vai à casa de uma sacerdotisa

afro-americana. Fica claro que, assim como o corpo humano não é homogêneo e possui características e especificidades distintas, a cidade de Nova Orleans também apresenta suas heterogeneidades.

Além da mudança de cenário, há uma mudança de pessoas nesse espaço. O bairro onde Merrick mora é muito mais diversificado e misto do que o centro da cidade e os bairros de imigrantes europeus que marcam as memórias na narrativa de Michael Curry. Além disso, ao explorarmos o alcance da religiosidade afrodescendente na cidade por meio de trechos de Merrick (2000), podemos associar metaforicamente parte dessa expressão religiosa da cidade à parte não biológica de um corpo, no que diz respeito ao que há de psicológico e até mesmo espiritual nos indivíduos, o que se materializa em personagens como Merrick, Grande Nannane e o espaço onde ambos vivem, que chega a abrigar uma cobra, cuidada por ambos, que Talbot interpreta como um avatar de Damballah, uma importante divindade do vodu haitiano (Rice, 2000, p. 200). Além do bairro habitado por Merrick e Grande Nananne, Talbot narra a maneira como Nova Orleans acolhe vampiros e a relação da cidade com criaturas sobrenaturais, detalhando para o leitor a complexa geografia sobrenatural da região:

> Nova Orleans logo nos revelou seus pontos vulneráveis, e entramos em um bairro degradado não muito diferente daquele em que, há muito tempo, eu havia conhecido a Grande Nannane de Merrick. Mas, se havia alguma bruxa poderosa por ali, não encontrei nenhum sinal delas naquela noite. Agora, deixe-me dizer algumas palavras sobre Nova Orleans e o que ela significava para nós. Em primeiro lugar, não era uma cidade monstruosa como Los Angeles ou Nova York. E embora tenha uma classe baixa considerável de elementos perigosos, ainda é um lugar pequeno. E quando sugadores de sangue são atraídos para lá em grande número, a sede aleatória por sangue cria uma comoção imprópria. (...) Assim como com Deus e Satanás, a humanidade é nosso objeto de estudo. Por isso, preferimos passar nosso tempo imersos no mundo mortal e em suas inúmeras complexidades. (...) E assim, Nova Orleans, em toda a sua beleza sonolenta, abriga apenas dois dos Mortos-Vivos. Mesmo assim, precisamos ser muito astutos. (Rice, 2000, p. 205)

A narrativa de Talbot, ao usar as palavras “pontos vulneráveis” e o verbo “penetrar”, mais uma vez nos remete à personificação da cidade, presente na linguagem empregada pelo narrador, que a associa a um corpo. Nesse trecho, Talbot também explica brevemente como os vampiros vivem e como se organizam na cidade, que, apesar de às vezes ser habitada por muitos seres sobrenaturais sedentos de sangue, na época da narrativa conta com apenas dois vampiros ativos caçando em suas ruas. Também vale a pena notar que Talbot esperava encontrar alguma bruxa ou sacerdotisa poderosa nas áreas mais vulneráveis, indicando que

a prática da religião afro-caribenha entre os descendentes de escravos em Nova Orleans permanecia forte nos arredores da cidade americana.

Esse trecho de Talbot também revela a geografia paralela de Nova Orleans, que abrange a vida humana comum e também a vida dos seres sobrenaturais que habitam e caçam ali diariamente. Esse momento na narrativa de Talbot é semelhante aos elementos do gótico urbano, conforme proposto por Ancuta (2020) e Wisker (2020), em que os autores evocam a cidade como um espaço que contém os elementos humanos e sobrenaturais em paralelo, além de discutirem as dinâmicas sociopolíticas e culturais internas desses espaços.

Dessa forma, pudemos perceber que Nova Orleans é mais do que apenas um cenário urbano nas duas obras selecionadas. A cidade se torna um corpo-território, às vezes quase um personagem tanto quanto Michael Curry, Rowan Mayfair, Merrick e David Talbot, já que Rice dedica muitas páginas à cidade, às suas tradições e histórias para descrevê-la com precisão. Assim, vemos o espaço urbano se transformar: ele se torna um espaço de luxúria, miséria, espiritualidade, beleza e dor, ora pulsante e vivo, ora decadente e assustador, como um corpo em constante transformação.

Conclusão

Neste artigo, buscamos explorar como Nova Orleans, cidade natal da falecida escritora Anne Rice, transcende o nível de localização geográfica e cenário literário na obra da autora para se tornar um corpo gótico, um corpo-território pulsante e misterioso que interfere na narrativa e influencia os personagens.

Vemos também que grande parte do gótico urbano está presente na narrativa de Rice, já que criaturas sobrenaturais e entidades espirituais habitam suas ruas com a mesma naturalidade que qualquer morador da cidade. A autora nos conduz por diferentes partes da cidade, como um legista explorando as diferentes partes do corpo: do coração pulsante — o centro histórico — até as extremidades mais periféricas, mas não menos importantes, que nos levam a partes menos orgânicas e mais espirituais, revelando-nos as múltiplas facetas de Nova Orleans, um corpo gótico no sul “ ” dos Estados Unidos, lar de uma das vozes mais proeminentes da literatura contemporânea e de seus seres sobrenaturais, entrelaçados no tecido orgânico da cidade com a mesma intensidade com que a memória de Anne Rice se entrelaçou no legado da história de sua terra adotiva.

Referências

Ancuta, K. (2020). Communal after-living: Asian ghosts and the city. Em R. Heholt &

H. Millete (Eds.), *The New Urban Gothic*. Palgrave Macmillan. Badley, L. (1996). *Writing horror and the body*. Greenwood Press. Reyes, X. (2014). *Body Gothic*. University of Wales Press.

Rice, A. (1995). A Hora das Bruxas. Rocco. Rice, A. (2000). Merrick. Rocco.

Wisker, G. (2020). Gótico Urbano: Cingapura. Em R. Heholt e H. Millete (Eds.), The New Urban Gothic. Palgrave Macmillan.

Agradecimentos

Agradeço a Leonora Pereira Yonekura pelo apoio social e financeiro a esta produção e a toda a minha trajetória acadêmica.